

**GUARDIÃO DE SEMENTES CRIOLAS: SABERES, RECIPROCIDADE E
RESISTÊNCIA BIOCULTURAL NO CERRADO PIAUIENSE**

**GUARDIAN OF CREOLE SEEDS: KNOWLEDGE, RECIPROCITY AND
BIOCULTURAL RESISTANCE IN THE CERRADO OF PIAUI**

Recebido em: 08/10/2025

Aceito em: 17/04/2026

Publicado em: 17/06/2026

Maria Elza Soares da Silva¹ 
Universidade Federal do Piauí

Luma Bispo Dantas² 
Universidade Federal do Piauí

Resumo: Este estudo investiga as práticas e saberes do guardião de sementes crioulas no Cerrado piauiense, particularmente na comunidade de Riacho dos Cavalos, Monte Alegre, PI. O principal objetivo foi compreender os processos sociais subjacentes a essas práticas, contextualizando-os nas estruturas do *habitus*, da memória biocultural e da reciprocidade camponesa, por meio da história de vida do guardião. A metodologia empregada foi qualitativa, de inspiração etnográfica, baseada em entrevistas semiestruturadas e observação participante, com suporte teórico em Mauss, Bourdieu, Toledo, Barrera-Bassols. A análise de conteúdo seguiu os preceitos de Bardin. As conclusões revelaram que a circulação de sementes crioulas estabelece e fortalece laços sociais, confiança e cooperação entre os agricultores. Essa prática constitui uma forma de resistência cotidiana à homogeneização da paisagem agrícola e à insegurança alimentar. O guardião pesquisado, atua como mediador de conhecimentos tradicionais e catalisador de redes de solidariedade, essenciais para a reprodução sociocultural e a salvaguarda da memória biocultural. A preservação dessas sementes é fundamental para a identidade e a soberania alimentar, validando conceitos teóricos e oferecendo um modelo prático de conservação da agrobiodiversidade.

Palavras-chave: Agroecologia; Agrobiodiversidade; Soberania Alimentar.

Abstract: This study investigates the practices and knowledge of the guardian of creole seeds in the Cerrado of Piauí, particularly in the community of Riacho dos Cavalos, Monte Alegre, PI. The main objective was to understand the social processes underlying these practices, contextualizing them within the structures of *habitus*, biocultural memory, and peasant reciprocity, through the life history of the guardian. The methodology employed was qualitative, ethnographically inspired, based on semi-structured interviews and participant observation, with theoretical support from Mauss, Bourdieu, Toledo, and Barrera-Bassols. The content analysis followed Bardin's precepts. The conclusions revealed that the circulation of creole seeds establishes and strengthens social ties, trust, and cooperation among farmers. This practice constitutes a form of everyday resistance to the homogenization of the agricultural landscape and to food insecurity. The researched guardian acts as a mediator of traditional knowledge and a catalyst for solidarity networks, essential for sociocultural reproduction and the safeguarding of biocultural memory. The preservation of these seeds is fundamental to identity and food sovereignty, validating theoretical concepts and offering a practical model for the conservation of agrobiodiversity.

Keywords: Agroecology; Agrobiodiversity; Food Sovereignty.

¹ Graduada em Ciências Sociais (UFPI), mestra em Antropologia (UFPI) e Doutora em Sociologia (UFRGS). Professora adjunta da Universidade Federal do Piauí, lotada na Licenciatura em Educação do Campo - Ciências Humanas e Sociais do Campus Professora Cinobelina Elvas – CPCE/UFPI, Pesquisadora do Núcleo de Experimentação Agroecológica – NEA/CTT/UFPI. Brasil, Piauí e Bom Jesus. E-mail: maria.elza@ufpi.edu.br

² Discente da Licenciatura em Educação do Campo - Ciências Humanas e Sociais pela Universidade Federal do Piauí – CPCE/UFPI. Brasil, Piauí e Monte Alegre. E-mail: lumabispodantas@gmail.com

INTRODUÇÃO

A conservação das sementes crioulas, tecidas ao longo de gerações em comunidades tradicionais, transcende a mera prática agrícola, configurando-se essencial para a preservação do patrimônio genético, a manutenção da biodiversidade e, fundamentalmente, a garantia da soberania e segurança alimentar de povos e territórios. Este estudo propõe-se a refletir sobre as complexas dinâmicas inerentes a essa conservação, abordando-as sob uma perspectiva interdisciplinar que abarca a antropologia, a sociologia e a agroecologia. Busca-se, assim, lançar luz sobre a resiliência dos camponeses e camponesas da comunidade rural de Riacho dos Cavalos, no município de Monte Alegre, situado no Cerrado piauiense, em face da avassaladora expansão do agronegócio.

As sementes crioulas, ao contrário das variedades comerciais padronizadas, são intrinsecamente parte do patrimônio genético das comunidades que as cultivam, carregando consigo não apenas informações biológicas, mas também histórias, saberes tradicionais e uma profunda conexão cultural com o ambiente. Conforme assinalado por Altieri (2012), a diversidade intrínseca a essas sementes confere aos agricultores uma capacidade ímpar de adaptação e resposta flexível às mudanças ambientais, assegurando a continuidade de práticas agrícolas sustentáveis.

Neste contexto, os guardiões desses recursos genéticos emergem como figuras de centralidade irrefutável. Longe de serem meros depositários ou técnicos, eles se posicionam como agentes primordiais na defesa da diversidade, na luta pela soberania alimentar, na reivindicação de direitos coletivos e na (re)construção do tecido social. A atuação desses guardiões, segundo Altieri (2012), vai além da preservação material, abrangendo a salvaguarda de um valioso conhecimento ecológico e cultural, essencial para uma agricultura dinâmica e adaptativa que mantém uma relação íntima entre as comunidades e suas terras.

Um dos efeitos mais deletérios da modernização agrícola, frequentemente disfarçada sob a retórica da “necessidade de modernizar o campo” para erradicar a fome, reside no projeto político-ideológico de apagamento da memória biocultural³. Tal processo, na realidade, materializa-se na imposição de uma racionalidade econômica centrada no lucro e na produção em escala, que tende a rotular como “atrasadas” visões e vivências que divergem do paradigma dominante da modernidade (Petersen, 2009). Contudo, ao longo das décadas, diversas formas

³ Maneira como se constrói a identidade cultural de comunidades tradicionais. O conhecimento tradicional tem no meio não só a matéria prima da vida, mas a fonte da criação de um universo cognitivo compartilhado. Nesse contato homem-meio se criam crenças e conhecimentos a partir de práticas cotidianas. Ver: TOLEDO, Victor Manuel.; BARRERA-BASSOLS, Narciso. **A memória biocultural: a importância ecológica das sabedorias tradicionais**. São Paulo: Expressão Popular/ASPTA, 2015.

de resistência foram ativadas pelos povos tradicionais na defesa de seus territórios e de seus meios de vida. A conservação de sementes crioulas em ambientes de intensa disputa pela produção de *commodities*, que faz uso extensivo de sementes geneticamente modificadas, constitui um estratégico espaço de manobra adotado pelos camponeses da comunidade rural de Riacho dos Cavalos, no Cerrado piauiense.

Estudos que visam reconhecer as práticas sociais e culturais dos guardiões de sementes crioulas é, ao mesmo tempo, reconhecer a existência de outras racionalidades. Tornar visível os conhecimentos tradicionais requerem um pensamento crítico que oferece o olhar etnoecológico (Toledo; Barrera-Bassols, 2009). Para os autores, a etnoecologia tem a singular tarefa de decifrar a “memória de nossa espécie”, isto é, a memória biocultural, reivindicando e revalorizando a quem a mantêm em vez de aprofundar a crítica sobre o mundo moderno e sua racionalidade intelectual.

É imperativo sublinhar que todo camponês necessita de "meios intelectuais", isto é, conhecimentos sobre seu entorno, para uma apropriação consciente e sustentável das "naturezas" que o cercam. Esses conhecimentos possuem um valor substancial para elucidar como grupos sociais tradicionais percebem, concebem e conceituam os recursos, paisagens ou ecossistemas dos quais dependem para subsistir. Em uma economia de subsistência, este conhecimento sobre a natureza se torna um componente decisivo para a elaboração e implementação de estratégias de sobrevivência (Toledo; Barrera-Bassols, 2009, p. 35).

As práticas sociais e os saberes tradicionais dos guardiões de sementes são um legado que atravessa gerações e se mostram fundamentais na conservação e manutenção do patrimônio genético da humanidade. Conscientes ou não de sua identidade social como “guardiões de sementes”, esses indivíduos colaboram ativamente para o resgate de práticas tradicionais e ancestrais em suas comunidades, fundamentadas nos princípios agroecológicos (Petersen, 2009; Bevilaqua *et al.*, 2014). Eles são, inegavelmente, atores sociais chave na funcionalidade da agrobiodiversidade, especialmente no cenário atual de mudanças climáticas acentuadas que o mundo vivencia (Abramovay, 2010).

Adicionalmente, Porto-Gonçalves (2006) destaca os saberes locais como alicerces essenciais para a sustentabilidade no Cerrado, enfatizando a relação integral que os povos dessa região possuem com seu ambiente, uma perspectiva frequentemente ignorada pelo modelo de desenvolvimento hegemônico. As sementes crioulas são vitais para a preservação da biodiversidade do Cerrado, representando variedades adaptadas ao longo do tempo às

complexas condições ambientais locais. Elas são, portanto, cruciais para a resiliência dos ecossistemas e para a soberania alimentar das comunidades (Porto-Gonçalves, 2006).

Diante do exposto, acredita-se que o estudo das práticas de conservação das sementes crioulas é uma forma de combater a continuidade do processo de apagamento dessas práticas, frequentemente justificado por uma noção de desenvolvimento insustentável que expropria meios de vida de populações tradicionais e seus direitos de acesso e uso dos bens comuns da natureza, explorando-os em nome de um projeto de modernização agrícola, tal como ocorre atualmente nos baixões e chapadas do Cerrado piauiense.

O Cerrado piauiense, como território multifacetado em saberes, impulsiona a promoção de estudos que realcem os sujeitos detentores desses conhecimentos, que zelam pela perpetuação das espécies nativas, pela soberania alimentar e pela biodiversidade, atuando como zeladores ou guardiões do patrimônio genético da humanidade, as sementes crioulas. Pimentel (2008) corrobora essa visão, ao apontar que a resistência e a preservação dos saberes locais são formas de manter a identidade e a autonomia das comunidades, alinhando-se com a defesa de Enrique Leff (2021) sobre a descolonização do conhecimento e a legitimação de outras sabedorias como caminhos alternativos para a compreensão da realidade e a construção de outras formas de vida no planeta.

Uma das consequências mais marcantes da expansão da fronteira agrícola no Cerrado piauiense para os camponeses que coexistem com o agronegócio, muitas vezes não por escolha, mas por imposição, é a constante ameaça de expropriação de suas terras e a pressão para a adesão a pacotes tecnológicos que incluem agrotóxicos e sementes transgênicas. Esse cenário resulta, em última instância, na perda das variedades locais tradicionais ou crioulas. É comum, em diálogos com os camponeses da região, a suspeita de que suas sementes crioulas estão sendo contaminadas pela aplicação de agrotóxicos em fazendas produtoras de soja próximas a seus roçados. No entanto, a ausência de recursos e suporte para análises laboratoriais impede que os camponeses comprovem essas suspeitas. Assim, compreendemos que ao investigar as vivências e memórias do guardião de sementes crioulas, foco deste estudo, não só iluminamos o debate sobre a identidade social do guardião, construída a partir das práticas sociais e tradicionais de troca e circulação de sementes, mas também o reconhecemos como um defensor crucial da biodiversidade na comunidade de Riacho dos Cavalos, no Cerrado piauiense.

Nessa comunidade, ainda é possível observar agricultores que mantêm essa tradição como forma de cuidado e resistência; contudo, a pressão do agronegócio tem impactado severamente a segurança alimentar local, levando à conversão de áreas tradicionalmente

utilizadas pela agricultura camponesa para um modelo empresarial de monocultivos. Um dos efeitos negativos tem sido a ameaça constante à cultura de preservação das sementes crioulas, que por muito tempo sustentaram a diversidade agrícola e a autonomia camponesa (Porto-Gonçalves, 2006).

Dessa forma, problematizar as estratégias de resistência cotidianas (Scott, 1990) aos impactos do agronegócio na vida dos grupos sociais tradicionais implica anunciar a existência de práticas culturais que demonstram uma luta persistente pela permanência e manutenção de meios de vida mais sustentáveis, visando assegurar o acesso a alimentos saudáveis para as gerações presentes e futuras. Este estudo corrobora o entendimento de Petersen *et al.* (2013), que qualificam as sementes crioulas como importantes portadoras de mensagens genéticas e culturais, resultantes de um processo de seleção natural e cultural. Para o autor, a coevolução entre natureza e cultura levou à ampla diversificação biológica das espécies cultivadas, que hoje constitui um patrimônio genético-cultural reconhecido como bem comum da humanidade: a agrobiodiversidade.

Para uma compreensão aprofundada desta temática, o presente artigo está dividido em cinco partes. Após esta introdução, a segunda seção explora o papel do guardião de sementes e seus saberes tradicionais, sob uma reflexão teórica à luz das práticas sociais, do conceito de *habitus* e da reciprocidade camponesa. A terceira seção detalha a metodologia empregada, destacando a interseção da extensão universitária com a comunidade. A quarta parte apresenta a história de vida do guardião de sementes crioulas na comunidade Riacho dos Cavalos. A quinta seção discute as práticas sociais e tradicionais de preservação e troca dessas sementes. Finalmente, as considerações finais sintetizam os achados e suas implicações.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A presente investigação buscou compreender a história de vida articulada à produção de significados das práticas sociais adotadas pelo guardião de sementes crioulas, “Seu Luiz das Almas”. Para tanto, concebeu-se como metodologia de pesquisa a investigação qualitativa, conforme os preceitos de Denzin e Lincoln (2006). Essa escolha metodológica revelou-se fundamental por permitir a realização de reflexões teóricas substanciais a partir do aporte conceitual, em constante diálogo com a testagem empírica da realidade, viabilizada pela pesquisa de campo.

Os dados utilizados nesse artigo, são resultados da pesquisa em andamento, que se propõe identificar os guardiões e guardiãs de sementes no cerrado piauiense, como intuído de

registrar suas práticas e saberes tradicionais em torno da manutenção e circulação das sementes crioulas.

No que tange ao tipo de pesquisa, o estudo caracteriza-se como um estudo de caso, com foco na trajetória e nas práticas de um único indivíduo. O universo da pesquisa foi delimitado pela comunidade rural de Riacho dos Cavalos, no município de Monte Alegre, Piauí, situada na zona de transição do Cerrado. A amostragem foi intencional e concentrou-se na figura de “Seu Luiz das Almas”, guardião de sementes crioulas, reconhecido em seu contexto por suas práticas e saberes. Sua singularidade e profundidade de experiência o tornaram um informante-chave para a compreensão das dinâmicas sociais e culturais que se pretendia investigar.

Para descrever e apreender o entrelaçamento da história de vida do guardião, foram adotadas técnicas de pesquisa de orientação etnográfica (Beaud; Weber, 2007). Essa abordagem permitiu uma imersão no cotidiano da comunidade e a observação participante, elementos essenciais para capturar os sentidos e as lógicas internas das práticas culturais. Como instrumentos de coleta de dados, empregou-se a entrevista semiestruturada, guiada por tópicos-guia (Gaskell, 2002), a fim de acessar os significados e as interpretações do fazer agroecológico e da reciprocidade camponesa manifestos nas práticas sociais de trocas, doações e empréstimos de sementes adotadas pelo guardião.

As narrativas colhidas durante as entrevistas foram complementadas por registros em diário de campo (Brandão, 1982; Winkin, 1998), que documentaram observações, impressões e detalhes contextuais, bem como por registros audiovisuais, realizados mediante a expressa concordância do entrevistado. Já na análise do conteúdo das entrevistas, seguiu-se a abordagem proposta por Bardin (2016). Este procedimento metodológico envolveu operações de desmembramento do texto em unidades de registro e, subsequentemente, a organização dessas unidades em categorias temáticas por meio de reagrupamentos analógicos. Essa metodologia possibilitou estabelecer associações significativas entre as realidades sociais e geográficas pesquisadas, promovendo um diálogo robusto entre a teoria e a empiria e expandindo o debate sobre a temática central do artigo. A tabulação e organização dos dados não foram pautadas em quantificação estatística, mas sim na sistematização das narrativas, observações e documentos para a identificação de padrões, temas emergentes e interconexões que pudessem elucidar os fenômenos estudados.

No que concerne aos aspectos éticos da pesquisa, procedeu-se à leitura e explicação detalhada do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) ao guardião participante. Foram minuciosamente explicitados os objetivos da pesquisa, a forma como os dados seriam

utilizados, a garantia de confidencialidade e, especificamente, a possibilidade da utilização de sua imagem e nome em trabalhos científicos. Obteve-se sua total concordância e consentimento formal, ratificando o compromisso com a ética na pesquisa e o respeito à dignidade e autonomia do participante.

Este procedimento metodológico nos permitiu aprofundar no cotidiano do guardião de sementes, oferecendo as ferramentas necessárias para não apenas descrever suas práticas, mas também para debater e aprofundar a reflexão sobre questões cruciais como a interligação entre saberes tradicionais, *habitus*, resistência camponesa, reciprocidade e a conservação da agrobiodiversidade frente aos desafios impostos pelo agronegócio no Cerrado piauiense.

GUARDIÕES DE SEMENTES E SABERES TRADICIONAIS: REFLEXÕES À LUZ DAS TEORIAS DAS PRÁTICAS SOCIAIS

O debate sobre as práticas sociais, no campo das ciências humanas e sociais, possui múltiplas vertentes, sendo fundamental para a compreensão do agir social não como um ato individual isolado, mas como resultado de lógicas coletivas, históricas e relacionais. As teorias das práticas sociais, a partir das contribuições de Pierre Bourdieu (1972, 1989, 1996, 2007) e Marcel Mauss (2003), propiciam um importante referencial para analisar as dinâmicas e transformações em comunidades, especialmente aquelas inseridas em contextos de luta e resistência.

Segundo Bourdieu (2007), o mundo social é constituído por estruturas objetivas e disposições internalizadas, o que o autor denomina de *habitus*. Este consiste em um sistema de disposições duráveis e transferíveis que orientam práticas e percepções dos agentes. Para além de normas instituídas ou racionalidades estritas, a reprodução das práticas sociais resulta de engajamentos cotidianos e de saberes tácitos, sendo as ações dos agentes simultaneamente condicionadas e condicionantes das estruturas sociais.

Nessa perspectiva teórica, as práticas sociais dos guardiões de sementes crioulas podem ser analisadas a partir do conceito de *habitus*, uma vez que suas práticas de preservação e troca de sementes são moldadas por disposições enraizadas nas tradições comunitárias e culturais. Conforme Bourdieu, “o *habitus* é aquilo que um agente carrega como sistema de esquemas geradores e reguladores da ação que o permite enfrentar as situações mais variadas” (Bourdieu, 1972, p. 90). Assim, pode-se analisar como os guardiões de sementes utilizam seus conhecimentos tradicionais, adaptados ao seu contexto ecológico e social, para tomar decisões

sobre como e quais sementes preservar. Tal conhecimento não se restringe ao técnico, abrangendo as dimensões cultural e tradicional.

Os guardiões de sementes operam dentro de uma estrutura cujas práticas são coletivamente construídas e mantidas por gerações. Essa coletividade reflete um *habitus* que sustenta e promove a biodiversidade agrícola, demonstrando a constante interdependência entre o individual e o social. O conceito de *habitus* auxilia na compreensão de que a prática dos guardiões de sementes não constitui meramente uma escolha consciente, mas sim uma disposição duradoura e coletiva que se manifesta em ações voltadas à conservação e continuidade das práticas tradicionais.

Os guardiões de sementes operam segundo um *habitus* que integra uma memória coletiva. Essa memória é constituída por práticas agrícolas transmitidas intergeracionalmente, como técnicas de cultivo e seleção de sementes. Assim, o *habitus* atua como um reservatório de conhecimento tácito, orientando decisões práticas sobre preservação. Em comunidades indígenas, por exemplo, a escolha de sementes para plantio e troca é guiada por critérios refinados ao longo do tempo, garantindo a resiliência das plantas e sua adaptação ao ambiente local (Toledo; Barrera-Bassols, 2015).

Do ponto de vista da resiliência e adaptação, o *habitus*, na concepção de Bourdieu (1972), confere aos guardiões a capacidade de responder a mudanças ambientais e sociais. Essa dinamicidade se manifesta na evolução do *habitus* em conjunto com as condições objetivas, permitindo novas práticas que se ajustam às transformações do ecossistema. Para Altieri e Nicholls (2013), quando enfrentam mudanças climáticas, os guardiões da biodiversidade adaptam suas técnicas de seleção e cruzamento para assegurar colheitas mais eficientes, caracterizando uma demonstração de *habitus* resiliente.

Bourdieu (1972) destaca ainda que o *habitus* emerge de interações sociais contínuas. No caso dos guardiões de sementes, essa dinâmica se manifesta em práticas comunitárias como feiras e encontros, que promovem o intercâmbio de conhecimentos. Tais interações reforçam o senso de comunidade e solidariedade, ao mesmo tempo que disseminam saberes que beneficiam todos os envolvidos, fortalecendo redes de apoio cultural, econômico e de reciprocidade.

As práticas sociais e culturais dos guardiões são marcadas por relações de troca que preservam saberes tradicionais e etnoecológicos (Toledo; Barrera-Bassols, 2009). Esses saberes, menos formalizados epistemologicamente, baseiam-se em conhecimentos empíricos, diretos e repetitivos, como a economia da reciprocidade (Sabourin, 2008; 2009) e da dádiva (dar, receber e retribuir), criadora de vínculos sociais (Mauss, 2003). O elo central dessa prática

social é a circulação de sementes crioulas, estratégia fundamental para a manutenção dos meios de vida da agricultura familiar camponesa (Cândido, 2010).

A riqueza dos conhecimentos tradicionais, especialmente os praticados pelos guardiões de sementes, evidencia um papel relevante na preservação dos saberes tradicionais associados a povos tradicionais nas comunidades rurais, enquanto detentoras de memória biocultural. Esse conceito é essencial para compreender como saberes e diversidade genética se integram às práticas cotidianas de povos originários e camponeses (Toledo; Barrera-Bassols, 2015).

As sementes crioulas são variedades desenvolvidas, adaptadas, selecionadas e mantidas tradicionalmente por camponeses e populações indígenas ao longo de gerações. Constituem um patrimônio genético de valor inestimável, não apenas do ponto de vista agrícola ou ecológico, mas também social, cultural e político. Essas sementes apresentam grande variabilidade genética, resistência a pragas e adaptabilidade a diferentes condições ambientais, revelando-se cruciais para sistemas agrícolas menos dependentes de insumos externos (Altieri, 2012). Segundo o autor, desde meados do século XX, a chamada “Revolução Verde” vem promovendo a difusão de sementes híbridas, transgênicas e de um modelo monocultural industrial, resultando em erosão genética, na dependência dos agricultores em relação às grandes empresas e na ameaça aos modos de vida tradicionais (Altieri, 2009; 2012).

No contexto brasileiro, as práticas tradicionais de manejo, seleção e troca de sementes enfrentam crescentes desafios, seja pela homogeneização das paisagens agrícolas, seja por meio de legislações restritivas, como as que buscam criminalizar o uso e a troca de sementes não registradas. Diante desse cenário, os guardiões e guardiãs de sementes crioulas assumem um papel fundamental, atuando como preservadores da agrobiodiversidade e da autonomia dos agricultores familiares e comunidades tradicionais.

Segundo Altieri, “as sementes crioulas são cruciais para a agrobiodiversidade, promovendo a resiliência das culturas frente a pragas e mudanças climáticas” (Altieri, 2012, p. 45). O autor enfatiza o papel essencial dos guardiões para essa sustentabilidade. Já Silva ressalta que “os guardiões de sementes incorporam a memória viva das práticas agrícolas tradicionais, essenciais para a preservação da biodiversidade e da cultura no cerrado” (Silva, 2015, p. 89).

Mais do que recursos genéticos, as sementes crioulas carregam em si a memória viva dos povos, conforme defendido por Toledo e Barrera-Bassols (2015). Para esses autores, esses patrimônios agrícolas representam verdadeiros símbolos culturais, onde se entrelaçam história, saberes tradicionais e modos de vida ancestrais. A atuação dos guardiões na preservação dessas sementes garante, portanto, muito mais do que a diversidade agrícola, pois assegura a

permanência de cosmovisões, práticas e identidades que constituem parte fundamental do patrimônio humano.

Os guardiões de sementes crioulas são reconhecidos como atores coletivos essenciais para a preservação da biodiversidade agrícola, dos saberes agroecológicos e da soberania alimentar dos povos. Conforme destacam Duru, Chauveau e Vallod (2015), a manutenção e renovação de sistemas agrícolas diversificados estão diretamente ligadas às práticas desses guardiões, que integram conhecimentos tradicionais, experimentações locais e redes de solidariedade comunitária.

Esses guardiões não só conservam sementes, mas também reinventam práticas relacionadas ao plantio, seleção, armazenamento, troca e partilha. Eventos como feiras de sementes, encontros de intercâmbio intercomunitário (trocas livres), festivais e celebrações locais constituem espaços privilegiados não somente para a disseminação genética, mas também para a reafirmação de identidades e a construção de alianças políticas entre povos e territórios (Carneiro da Cunha, 2012; Silva *et al.*, 2017).

Do ponto de vista da teoria das práticas sociais, observa-se que a guarda de sementes envolve: a) Materiais: as sementes em si, armazéns, utensílios e ferramentas; b) Saberes: técnicas de melhoramento, adaptação, armazenamento e seleção consciente de materiais genéticos; c) Significados: o simbolismo das sementes, ligado à ancestralidade, à identidade comunitária, à autonomia, à resistência e à religiosidade. Além disso, esta prática articula-se a discursos de afirmação e resistência no campo político, como demonstram as reivindicações por direitos sobre o patrimônio genético, acesso à terra, reconhecimento de direitos coletivos e participação nas decisões sobre recursos naturais (Almeida, 2008).

A tentativa de compreender as sementes crioulas apenas como insumos agrícolas limita-lhes o significado. Como afirma Stephen B. Brush (1999), as interações entre agricultores e recursos genéticos constituem práticas ancestrais de experimentação e invenção, nas quais soberania alimentar e cuidado ambiental caminham juntos. A gestão dessas sementes é inseparável de narrativas míticas, rituais religiosos, partilhas solidárias e mecanismos de transmissão intergeracional de conhecimentos.

Assim, ao analisar os guardiões de sementes crioulas pela perspectiva da teoria das práticas sociais, evidencia-se a natureza multidimensional de seus saberes e fazeres: a conservação das variedades não é estática, mas resultado de processos dinâmicos de adaptação, criação, resistência e reinvenção. Tais práticas desafiam a lógica excludente do mercado,

fortalecendo redes locais e, conseqüentemente, sistemas alimentares mais resilientes e biodiversos (Toledo; Barrera-Bassols, 2015).

Nesse contexto, os saberes tradicionais desempenham um papel fundamental na relação entre comunidades locais e a natureza. Preservar e valorizar esses saberes é essencial não apenas para a manutenção da cultura local, mas também para fomentar práticas sustentáveis de uso da terra e conservação da biodiversidade (Toledo; Barrera-Bassols, 2015), especialmente no bioma Cerrado piauiense, reafirmando assim o caráter de reciprocidade camponesa.

Na perspectiva de Marcel Mauss (2003), a dádiva é compreendida como prática social que transcende a mera troca econômica. Tal conceito envolve três obrigações fundamentais: dar, receber e retribuir, constituindo um ciclo que perpetua laços sociais e culturais, fortalecendo a solidariedade comunitária. Os agricultores que trocam sementes crioulas operam nessa lógica da dádiva, na qual a prática transcende a permuta material, visando consolidar a coesão social e a identidade cultural. Como destaca Godoy (2004), essa troca de sementes configura-se como um verdadeiro ato de resistência cultural, garantindo a perpetuação dos saberes tradicionais. Para além da necessidade agrônômica, revela-se como um dispositivo de reprodução das relações comunitárias e repositório vivo da memória coletiva.

As práticas de troca de sementes realizadas pelos guardiões remetem à estrutura de reciprocidade baseada no princípio da dádiva (Mauss, 2003). Este conceito busca compreender as relações econômicas e a organização da economia para além das motivações utilitaristas e da regulação dos mercados (Mauss, 2003). Na prática dos guardiões, não há relação mercantil, mas um compromisso com a circulação da semente: quem recebe deve zelar por ela, gerando uma relação de interdependência que obriga à restituição ou mantém o receptor sob certa dependência do doador. Tal prática se assemelha com o mana do doador como “uma propriedade espiritual em que dando algo, dá algo de si mesmo” (Mauss, 2003, p. 263). Para o autor, a noção de dádiva de si leva à ideia de que a dádiva cria uma dependência para com o outro, porque o mana, o ser do doador, seria inalienável (Mauss, 2003).

As três obrigações da dádiva proposta por Marcel Mauss (2003) manifestam-se na troca de sementes crioulas da seguinte forma: a) Dar: o compartilhamento de sementes com outros agricultores constitui um ato de generosidade que fortalece alianças; b) Receber: ao aceitar as sementes, reconhece-se e valoriza-se o conhecimento do outro; c) Retribuir: essa ação mantém o ciclo ativo e assegura a continuidade das práticas tradicionais de troca.

Como aponta Gudeman (2001), a reciprocidade camponesa está intrinsecamente ligada à conservação de sementes. Tal prática transcende o ato econômico, configurando-se como

ritual social que promove solidariedade e apoio mútuo. O intercâmbio de sementes reflete um sistema de reciprocidade que consolida os laços comunitários, configurando-se não como meras transações, mas como práticas sociais que reforçam a coesão e a identidade cultural.

Na reflexão sobre o princípio da reciprocidade camponesa, a definição de Sabourin (2012) auxilia na compreensão da lógica da circulação de sementes para além dos valores de mercado. Para o autor, a reciprocidade é entendida como “[...] um ato reflexivo entre sujeitos, uma relação intersubjetiva, e não uma simples permuta de bens ou objetos, como pode ocorrer, no limite, na troca” (Sabourin, 2012, p.68). Esse princípio, segundo o autor, caracteriza:

[...] relações e prestações que não implicam a noção de cálculo ou que não privilegiam apenas a satisfação de interesses materiais privados, o que corresponde bem ao espírito do princípio de troca (Sabourin, 2012, p. 56).

Tal lógica permeia as relações de troca e circulação de sementes crioulas entre os guardiões de sementes. Sobre a dinâmica das relações de troca, Scott (1990) define a economia moral do camponês como um conjunto de normas e práticas que garantem a sobrevivência comunitária. Dessa forma, a troca de sementes crioulas pode ser interpretada como uma manifestação dessa economia moral, em que a reciprocidade e a mutualidade possuem maior valor do que o lucro individual.

Por fim, a prática de troca de sementes crioulas entre guardiões também pode ser analisada pelo conceito de dádiva, proposto por Mauss (2003). Enquanto essas trocas se alinham à lógica da solidariedade e da reciprocidade (Sabourin, 2012), podem ser examinadas sob a ótica crítica das relações de poder e do capital social, conforme Bourdieu (1989). Alerta-se que a dádiva pode ocultar relações de dominação simbólica, pois faz parte de um jogo de poder e prestígio.

SEU LUIZ, A MEMÓRIA BIOCULTURAL E LEGADO DAS SEMENTES CRIOULAS NO CERRADO PIAUIENSE

Para a compreensão da história de vida do guardião de sementes entrevistado neste estudo, parte-se da abordagem teórica que concebe a “história de vida como narrativa construída a partir do que cada sujeito guarda seletivamente em sua memória, correspondendo ao modo como organizamos e traduzimos para o outro aquilo que vivenciamos e conhecemos” (Worcmán; Pereira, 2006, p. 203). “A narrativa de vida, enquanto prática discursiva, inscreve-se no âmbito das lutas por representação legítima do real” (Delory-Momberger, 2012, p. 47).

Conforme destacado pelos autores, essa narrativa sofre transformações conforme o momento vital do indivíduo. Por isso, a história de vida não se limita a registrar o “passado” de uma pessoa, mas revela dimensões importantes de seu presente e indica como ela concebe seu futuro. É precisamente nessa perspectiva que se busca estabelecer uma conexão entre a trajetória passada do guardião e suas projeções futuras, adotando um enfoque agroecológico.

Luiz Ribeiro das Almas, 79 anos, natural da comunidade rural de Esparta (Gilbués, PI), configura um caso paradigmático de subjetividade camponesa formada à margem das instituições formais de educação. Oriundo de família de origem simples, vivenciou precocemente a orfandade materna, sendo socializado pelo núcleo paterno (pai e madrasta) em conformidade com os mecanismos informais de transmissão geracional típicos das comunidades agrícolas tradicionais (Woortmann, 1995).

Ao identificar-se como lavrador, Luiz das Almas personifica a figura do detentor de saberes tradicionais, cuja formação ocorreu à margem das instituições formais de educação. Seu relato biográfico revela que apenas na idade adulta adquiriu habilidades básicas de escrita, ou como o próprio descreve, aprendeu a “desenhar” o nome, motivado pela necessidade de atender às exigências burocráticas do sistema eleitoral. Esse episódio particular ilumina questões mais amplas sobre a seletividade no acesso à educação no Brasil rural do período, bem como sobre as estratégias adaptativas desenvolvidas pelas populações camponesas diante das demandas do Estado moderno.

Sua iniciação no trabalho agrícola ocorreu ainda na infância; suas lembranças remetem aos sete anos de idade. Já na pré-adolescência (entre 10 e 12 anos), cultivava sua própria pequena roça em terreno próximo à lavoura familiar do seu pai, demonstrando precoce autonomia produtiva. A ausência da figura materna em seu processo de socialização configura, em sua narrativa, uma infância não vivenciada sob os parâmetros convencionais de desenvolvimento infantil. Sua memória enfatiza a sobrecarga de responsabilidades adultas impostas à sua condição infantil, com a citação de “obrigações de gente grande nas costas de um menino”, agravada pelo triplo marcador de vulnerabilidade: condição socioeconômica (ser pobre), racial (negro) e familiar (não tinha uma mãe).

Nesse contexto, o trabalho na roça emergia como espaço paradoxal: simultaneamente de imposição laboral precoce e de afetividade compensatória, sendo o convívio com o pai a única forma de obtenção de atenção familiar. Em suas palavras, “ir para a roça era uma forma de estar com meu pai e ter a atenção dele”.

Sua relação com o ambiente natural, com a terra, é descrita como sendo “respeitosa e harmoniosa”, que transcende a dimensão produtiva, assumindo contornos de acolhimento e cura para a solidão, conforme frisa o entrevistado: “a terra me ouvia nos momentos de solidão”, revelando uma epistemologia ecológica singular em que a natureza opera como sujeito dialógico e espaço de ressignificação existencial.

Desde a primeira infância, a inserção no trabalho agrícola constituiu um eixo fundamental no processo de socialização masculina, conforme Heredia destaca: “Nos roçados do Nordeste brasileiro, os meninos são introduzidos progressivamente nas atividades produtivas como parte integrante de sua formação identitária camponesa” (Heredia, 1995, p. 87). Nesse contexto, o Senhor Luiz das Almas internalizou os saberes agrícolas por meio da prática cotidiana ao lado do pai, desenvolvendo desde os sete anos o domínio das técnicas de cultivo e manejo da terra.

A condição de não-proprietário que Heredia (1995) identifica como característica estrutural do campesinato dependente, configurou-se como obstáculo permanente em sua trajetória. Sua narrativa “passei a vida sofrendo nas roças alheias” explicita o que a autora denomina “ciclo de dependência estrutural”, em que “o acesso à terra por favor mantém os trabalhadores em permanente estado de vulnerabilidade” (Heredia, 1995, p. 112). Essa relação assimétrica se manifestava no regime de parceria imposto, em que “tudo que a gente plantava [...] era dividido com os donos da terra”, configurando o que a autora classifica como “exploração velada sob o manto do favor” (Heredia, 1995, p. 115).

Atualmente, após duas décadas cultivando um terreno cedido, o Senhor Luiz experimenta uma modalidade atípica nas relações de uso da terra. Embora permaneça na condição de não-proprietário, o atual arranjo o isenta tanto do pagamento de arrendamento quanto da divisão da produção. Contudo, como alerta Heredia (1995), tais acordos informais reproduzem a precariedade jurídica típica do campesinato, pois a contrapartida é que, segundo o entrevistado, “quando eu sair da terra tenho que deixar todos os benefícios que fiz”. Ou seja, a cessão das benfeitorias ao deixar a terra mantém intacta a lógica da apropriação desigual que caracteriza as relações fundiárias na região.

Aos 21 anos, Luiz das Almas casou-se com Douralice Lourenço de Sousa, união que gerou onze filhos, dois precocemente falecidos. Sua trajetória insere-se no contexto do êxodo rural brasileiro. Esse marco histórico explica a dispersão do núcleo familiar de Luiz das Almas: todos os filhos adultos e a própria Douralice migraram para centros urbanos. Contrariando a lógica do esvaziamento rural, seu Luiz das Almas permaneceu em Riacho dos Cavalos como

guardião de sistemas agrícolas tradicionais, cultivando alimentos, preservando sementes crioulas por meio de redes de troca e mantendo a produção artesanal de farinha.

O impacto sociocultural do êxodo manifestou-se na ruptura dos laços familiares. Em depoimento, seu Luiz das Almas revela: “os filhos que foram para outros Estados, sumiram no mundo, não tem notícias. Hoje, só o cheiro da farinha torrada faz Douralice voltar aqui no Riacho, às vezes”. O relato acima demonstra que as visitas esporádicas da esposa representam tentativas de conciliar identidades desencontradas. Essa dinâmica ilustra como, para além da migração física, o êxodo opera como fenômeno de desagregação existencial, em que memórias afetivas, como o “cheiro da farinha torrada”, tornam-se últimos elos de um mundo rural em desintegração.

Aos 79 anos de idade, recém-completados em maio de 2025, o guardião Luiz das Almas tem dedicado seus esforços às atividades agrícolas, com ênfase na preservação da agrobiodiversidade, exercendo práticas como o cultivo, a colheita, o armazenamento, a doação e a troca de sementes crioulas de milho e feijão.

Embora não seja assumida explicitamente por ele a identidade social de guardião de sementes crioulas, é reconhecida a relevância do papel que desempenha na salvaguarda desse patrimônio genético e cultural, contribuindo para reverter o processo de apagamento da memória biocultural, conforme discutido por Toledo e Barrera-Bassols (2015). Cabe destacar que a conservação de sementes é uma prática ancestral, cuja origem remonta aos primórdios da agricultura.

Dessa forma, independentemente de sua autoidentificação ou da incorporação do termo guardião em suas narrativas, suas ações tradicionais e os saberes a elas associados legitimam sua designação como tal no contexto da preservação de sementes crioulas. As sementes por ele cultivadas, devidamente adaptadas às condições climáticas locais, desempenham um papel essencial na garantia da segurança alimentar da comunidade. Anualmente, ele realiza seleção criteriosa das melhores espigas de milho crioulo e de outras variedades em processo de desaparecimento, armazenando-as para fins de replantio, troca ou doação. Para ele, a preservação dessas sementes transcende a mera prática agrícola, constituindo-se em um ato de resgate da memória e dos ensinamentos transmitidos por seu pai, como o próprio enfatiza: “É uma forma de manter viva a memória e os ensinamentos do meu pai”.

A sua trajetória evidencia uma relação harmoniosa com a terra, pautada por práticas tradicionais e livres de agrotóxicos, reforçando os princípios da agroecologia. Seu modo de cultivo, fundamentado em saberes intergeracionais, não apenas preserva a agrobiodiversidade,

mas também se configura como um modelo de manejo sustentável. Na comunidade Riacho dos Cavalos, ele emerge como figura central, inspirando agricultores e agricultoras ao demonstrar a viabilidade de conciliar produção alimentar e conservação ambiental. Por meio do incentivo à adoção de sementes crioulas e técnicas agroecológicas, promove ativamente a soberania alimentar local.

Tais práticas corroboram com a perspectiva de Toledo e Barrera-Bassols (2009), para quem o conhecimento tradicional se constrói na experiência concreta e nas cosmovisões compartilhadas coletivamente. Noções que se materializam no testemunho do guardião Luiz das Almas. Sua história, portanto, transcende o âmbito individual, convertendo-se em legado biocultural e em estratégia de resistência frente às frequentes tentativas de expropriação dos meios de vida camponês.

REZA NA ROÇA: ENTRE COSMOVISÕES E AGROECOLOGIA NA JORNADA DE SEU LUIZ

A agroecologia reconhece a linguagem e as práticas tradicionais dos guardiões de sementes como fundamentais para a conservação da biodiversidade agrícola e a promoção de sistemas alimentares sustentáveis. Esses agricultores familiares e comunidades tradicionais detêm conhecimentos ancestrais sobre o manejo ecológico dos agroecossistemas, práticas essenciais para a manutenção da diversidade genética das culturas e para a resiliência dos sistemas agrícolas frente às mudanças climáticas e outras adversidades.

A análise histórica das experiências do guardião revela um processo marcado pela sistemática negação de direitos, pela tentativa de apagamento de seus saberes tradicionais vinculados ao manejo ambiental e pelo direito a um pedaço de terra para “plantar, colher e comer” (Brandão, 1981). Contudo, mesmo nesse contexto de marginalização, o guardião manteve-se resiliente, reafirmando seu papel como cuidador da terra-mãe por meio de práticas ancestrais que persistem como ato de resistência biocultural.

O guardião analisado neste estudo é herdeiro de saberes tradicionais, filho de um benzedeiro e raizeiro. Ele aprendeu desde a infância que “a reza não é só para gente, é para a terra, as plantas e os animais”. Esse princípio revela uma cosmovisão relacional que fundamenta a presente análise sobre as conexões entre agroecologia, saberes ancestrais, espiritualidade e manejo ecológico, conforme ilustrado em seu depoimento:

Quando vou brocar a roça, a mata, pego três pernas de fumo e três punhados de sal, né?! Porque a roça tem quatro cantos. Não é colocar uma perna de fumo junto com

sal em cada canto, no caso em apenas três cantos da roça, porque um dos cantos a gente deixa uma entrada livre para as coisas ruins sair. E todo dia que for chegar na roça você tem que dar bom dia ou boa tarde dependendo da hora, a terra tem que ser cumprimentada. Antes de entrar na portaria se benze o corpo pra poder entrar pra dentro da roça. Porque a roça é viva igual nós. A roça é viva igual nós. Você não vê esse povo que labuta em roça quebra tudo com trator, quebra ferro, quebra quase tudo, porque não sabe responder a roça, porque do jeito que nós somos vivos, pois bem, assim é a roça, porque todos os dias nós vamos nela porque ela merece nós ir e ela é viva igual nós. Ela alimenta nós e nós alimenta ela. A gente troca (Luiz das Almas, Guardião de sementes, junho de 2025).

Muitas comunidades rurais veem a terra, as plantas e os ciclos naturais como elementos sagrados. Suas práticas ritualísticas (como rezas, benzimentos e oferendas) são formas de estabelecer um diálogo espiritual com a natureza. A agroecologia, ao valorizar os conhecimentos locais, pode reconhecer essas práticas não apenas como expressões culturais, mas como estratégias de manejo que reforçam o cuidado com a biodiversidade e a sustentabilidade dos agroecossistemas (Toledo, 2003). Sobre a agricultura ecológica em sintonia com os ciclos naturais, muitas vezes alinhados a visões cosmológicas, Ana Primavesi (2019) ressalta que a agroecologia constitui um espaço de diálogo entre ciência e saberes tradicionais, onde crenças e práticas espirituais não são descartadas, mas reconhecidas como parte de um sistema integrado de cuidado com a terra.

O estudo apontou que o guardião, ao mesmo tempo em que doa as sementes, também estimula aqueles que as receberam a, após a colheita, devolvê-las ao doador inicial. Essa prática visa a manutenção do banco de sementes que “servirá para outras pessoas” ou a circulação das sementes por meio de doação ou troca com outros agricultores, fazendo valer o princípio da reciprocidade nas relações não mercantis (Sabourin, 2012).

O guardião pesquisado confessou ter “ciúmes das sementes doadas” e “não aceita desvio da sua função”, que seria a multiplicação e devolução de novas sementes para seu doador inicial. Para esse guardião, a semente é um bem inalienável, “não vende, mas quando empresta, não aceita que o recebedor as repasse para terceiros ou não “zele da roça” para que a semente doada “prosperar” e retorne para as mãos do doador.

A pesquisa demonstrou que a prática de empréstimo, doação ou troca de sementes tem fortalecido os vínculos sociais entre os agricultores praticantes, uma vez que a interação entre eles ocorre a partir de interesses em comum, especialmente as sementes crioulas.

Para Seu Luiz, a identidade de “guardião de sementes” não se configura como uma categoria central de autoidentificação. Sua percepção está mais ancorada no papel de lavrador tradicional, cuja preocupação primordial reside na preservação das lavouras crioulas, entendidas como garantia de sobrevivência tanto para as comunidades rurais quanto urbanas.



Além disso, ele enfatiza uma dimensão espiritual em seu trabalho, descrevendo-se como um “zelador das sementes”, cumprindo uma missão que transcende o âmbito material: “prestar serviço a Deus”, assegurando que não falte “alimento para o povo da roça e da cidade”.

Ao demonstrar que a categoria externa de guardião de sementes não é o mais importante, esse agricultor destaca que o que faz sentido é contribuir com a conservação das sementes e, assim, garantir a segurança alimentar das famílias camponesas de acordo com o modo de “ser, de sentir, de saber, de fazer e de viver” dos povos do campo (Cândido, 2010, p. 124).

A análise das narrativas e práticas do guardião revela uma convergência substantiva entre sua atuação concreta e os atributos identitários mobilizados pelos movimentos sociais do campo para designar os guardiões de sementes, sujeitos dedicados à conservação e circulação de sementes crioulas em seus territórios. Evidencia-se que, embora o entrevistado não utilize explicitamente essa categoria identitária, suas ações cotidianas materializam integralmente os princípios que a fundamentam, conformando o que poderia ser denominado uma identidade prática (Bourdieu, 1989).

Uma contribuição fundamental para a análise emerge da percepção do guardião, para quem “as sementes são mais que sementes, são alimentos”. Essa perspectiva pode ser compreendida como parte integrante de uma cosmovisão camponesa (Toledo; Barrera-Bassols, 2009), na qual a relação com a natureza transcende a lógica mercantil, incorporando dimensões alimentares, culturais e simbólicas. Tal visão se contrapõe radicalmente ao modelo de apropriação hegemônico promovido pelos conglomerados agroalimentares globais, que transformam o patrimônio genético em *commodity*, regulando assim o acesso desigual aos recursos naturais. O camponês tradicional, neste contexto, não apenas resiste a essa dinâmica de expropriação, mas também reafirma, por meio de seu manejo cotidiano, um paradigma alternativo de uso e conservação da agrobiodiversidade.

Apesar do reconhecimento unânime da importância sociocultural e agroecológica dos guardiões de sementes no Piauí, constata-se uma flagrante dissonância entre o dispositivo legal que prevê a criação de bancos comunitários de sementes crioulas e sua efetiva implementação como política pública estadual. Esta lacuna operacional persiste mesmo diante da comprovada contribuição desses atores para a conservação da agrobiodiversidade regional. Nesse contexto, os movimentos sociais locais, embora reconheçam a urgência da questão, encontram-se limitados em sua capacidade de pressão junto às instâncias governamentais, resultando em uma paralisia política que perpetua o cenário atual de precariedade.

As condições inadequadas de armazenamento, muitas vezes em espaços improvisados e ambientalmente descontrolados, acarretam perdas sistemáticas de material genético. Isso mina não apenas a diversidade agrícola, mas também o entusiasmo dos próprios guardiões, que veem seu trabalho secular ser progressivamente comprometido pela ausência de infraestrutura básica e apoio institucional. Tal paradoxo entre o discurso oficial de preservação do patrimônio fitogenético e a realidade de abandono configura um dos principais desafios para a sustentabilidade dos sistemas agrícolas tradicionais no estado.

O guardião pesquisado mantém uma relação de cuidado e reciprocidade com seu agroecossistema, rejeitando a lógica do agronegócio predominante na região. Como afirma: “na minha roça não queimo nada, a mãe terra precisa de carinho, cuidado, eu dou carinho [...] e ela me dá comida em dobro”. Ele complementa: “eu planto comida”, evidenciando uma prática agrícola baseada no afeto e na recusa aos insumos químicos: “sementes com veneno não me convencem”. Essa postura reflete uma cosmovisão camponesa (Porto-Gonçalves, 2019), onde o manejo tradicional preserva a biodiversidade e assegura a segurança alimentar.

Apesar da marginalização dessas práticas, os guardiões seguem conservando e circulando sementes crioulas, combinando seleção cuidadosa com uma economia de trocas (Sabourin, 2012; Mauss, 2003). Embora não utilizem o termo agroecologia, suas técnicas – como o não-uso de queimadas e agroquímicos – demonstram um manejo ecológico intuitivo, contrapondo-se aos impactos dos monocultivos. Sua resistência silenciosa redesenha agroecossistemas mais sustentáveis, mesmo frente à pressão do modelo hegemônico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo permitiu uma compreensão aprofundada dos complexos processos sociais subjacentes às práticas de preservação e circulação de sementes crioulas na comunidade rural de Riacho dos Cavalos. Aprendemos que a trajetória do guardião, Seu Luiz, é um espelho das dinâmicas mais amplas da vida campesina, onde o *habitus* e a reciprocidade se manifestam como forças motrizes na manutenção da memória biocultural, da agrobiodiversidade e da soberania alimentar.

Os objetivos de situar essas práticas nessas estruturas conceituais e de explorar a historicidade da vida do guardião foram plenamente atingidos, revelando a indissociável união entre cultura, memória e natureza.

As principais conclusões apontam que a circulação de sementes crioulas transcende o mero intercâmbio de material genético, estabelecendo e fortalecendo laços sociais, confiança e

cooperação entre os agricultores. A persistência dessas práticas configura uma forma de resistência à homogeneização da paisagem agrícola e à insegurança alimentar. O guardião atua como um mediador de conhecimentos tradicionais e um catalisador de redes de solidariedade, desempenhando importante papel na reprodução sociocultural das comunidades rurais e na salvaguarda de uma memória biocultural que se opõe ao apagamento promovido por modelos hegemônicos de desenvolvimento.

Este trabalho contribui para a área de estudos da agroecologia, antropologia e sociologia ao evidenciar a centralidade dos saberes tradicionais na construção de sistemas alimentares mais justos e sustentáveis. A experiência de Seu Luiz não apenas valida conceitos teóricos como o *habitus* e a dádiva, mas também oferece um modelo prático de conservação *in situ* da agrobiodiversidade, aplicável a contextos similares. O reconhecimento dessas dinâmicas é fundamental para a formulação de políticas públicas mais eficazes, especialmente no que tange à implementação de bancos comunitários de sementes crioulas como apoio às práticas ancestrais dos guardiões.

Contudo, este estudo possui limitações inerentes à sua abordagem qualitativa e ao foco em um único guardião. Embora a profundidade alcançada seja valiosa, a generalização dos achados deve ser feita com cautela. Contudo, a pesquisa em andamento, realizará estudos comparativos em outras comunidades do Cerrado piauiense, bem como a investigação da eficácia e dos desafios na implementação de políticas públicas de apoio à conservação das sementes crioulas em maior escala.

Em síntese, a resiliência manifestada nas práticas de Seu Luiz, permeadas por uma profunda conexão espiritual e cultural com a terra e as sementes, reitera que a conservação da biodiversidade é, intrinsecamente, a conservação de um modo de vida, de uma identidade e de um futuro mais sustentável.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, Alberto. **O bem viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. Tradução de Tadeu Breda. São Paulo: Elefante, 2016.

ALMEIDA, Maria Walquíria Bezerra. **Direitos à biodiversidade**: os povos tradicionais e a luta contra o controle corporativo da vida. São Paulo: Hucitec, 2008.

ALTIERI, Miguel A. **Agroecologia**: bases científicas para uma agricultura sustentável. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

ALTIERI, Miguel A. **Agroecologia**: princípios e estratégias para o desenvolvimento agrícola sustentável. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2012.

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2016.

BEAUD, Stéphane; WEBER, Florence. **Guia para a pesquisa de campo**: produzir e analisar dados etnográficos. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

BEVILAQUA, Gilberto Antônio Peripolli *et al.* Agricultores guardiões de sementes e ampliação da agrobiodiversidade. **Cadernos de Ciência & Tecnologia**, Brasília, v. 31, n. 1, p. 99-118, jan./abr. 2014. DOI: <http://dx.doi.org/10.35977/0104-1096.cct2014.v31.19445>. Disponível em: <https://seer.sct.embrapa.br/index.php/cct/article/view/19445>. Acesso em: 20 jul. 2024.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **Esboço de uma teoria da prática**. Petrópolis: Vozes, 1972.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. Campinas: Papiрус, 1996.

BRAMOVAY, Ricardo. Alimentos versus população: está ressurgindo o fantasma malthusiano? **Ciência e Cultura**, [s. l.], v. 62, n. 4, p. 38-42, 2010. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252010000400013. Acesso em: 30 set. 2024.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Diário de campo**: a antropologia como alegoria. São Paulo: Brasiliense, 1982.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Plantar, colher, comer**: um estudo sobre o campesinato goiano. Rio de Janeiro: Graal, 1981.

BRUSH, Stephen B. Erosão genética de populações de culturas em centros de diversidade: uma revisão. **Agricultura, Ecossistemas e Meio ambiente**, [s. l.], v. 17, p. 541-553, 1999.

CANDIDO, Antônio. **Os parceiros do rio bonito**: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. 1. ed. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2010.

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. *Cultura e patrimônio dos povos indígenas no Brasil*. **Revista USP**, São Paulo, 2012.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **As histórias de vida**: da invenção de si ao projeto de formação. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2012.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. (orgs.). **O planejamento da pesquisa qualitativa**: teorias e abordagens. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DURU, Marc; CHAUVEAU, Bernard; VALLOD, Didier. Recursos genéticos vegetais: sobrevivência ou extinção? O que controla seu destino? **Revista Informação em Ciências Sociais**, [s. l.], v. 54, p. 205-223, 2015.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

GASKELL, George. Entrevistas individuais e de grupos. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002.

GODOY, Ricardo. **Os guardiões da biodiversidade: agricultura tradicional e sustentabilidade**. São Paulo: Editora da USP, 2004.

GUDEMAN, Stephen. **The Anthropology of Economy: Community, Market, and Culture**. [s. l.]: Blackwell, 2001.

HEREDIA, Beatriz. **A morada da vida: trabalho familiar de pequenos produtores do Nordeste do Brasil**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

KLINK, Carlos A.; MACHADO, Ricardo B. Conservação do Cerrado Brasileiro. **Revista Megadiversidade**, Brasília, v. 1, n. 1, p. 148-155, 2005.

LEFF, Enrique. **Ecologia política: da desconstrução do capital à territorialização da vida**. Tradução de Jorge Calvimonte. Campinas: Editora da Unicamp, 2021.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

NICHOLLS, Clara I.; ALTIERI, Miguel. **Agroecología y cambio climático: metodologías para evaluar la resiliencia socio-ecológica em comunidades rurales**. Lima: SOCLA, 2013.

PETERSEN, Paulo (org.). **Agricultura familiar camponesa na construção do futuro**. Rio de Janeiro: AS-PTA, 2009. 168 p.

PETERSEN, Paulo *et al.* Sementes ou grãos? Lutas para desconstrução de uma falsa dicotomia. **Agriculturas: experiências em agroecologia**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 36-46, jul. 2013. Disponível em: <https://aspta.org.br/article/sementes-ou-graos-lutas-para-desconstrucao-de-uma-falsa-dicotomia/>. Acesso em: 28 ago. 2024.

PIMENTEL, Maria do Socorro. **Cerrado: saberes e sustentabilidade**. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **Dos cerrados e de suas riquezas: de saberes vernaculares e de conhecimentos científicos**. Rio de Janeiro: FASE; CPT, 2019. 48 p.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **O desafio ambiental: o degradado mundo dos negócios**. São Paulo: Contexto, 2006.

PRIMAVESI, Ana Maria. **A Convenção dos Ventos: agroecologia em contos**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2019.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais**. [s. l.]: CLACSO, 2005.

SABOURIN, Eric. **Camponeses do Brasil: entre a troca mercantil e a reciprocidade**. Tradução de Leonardo Milani. Rio de Janeiro: Garamond, 2009. 336 p.

SABOURIN, Eric. Marcel Mauss: da dádiva à questão da reciprocidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 23, n. 66, p. 131-139, fev. 2008. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69092008000100008>.

SABOURIN, Eric. Teoria da reciprocidade e análise de políticas públicas rurais. **Ruris**, Campinas, v. 6, n. 2, p. 53-90, set. 2012. DOI: <http://dx.doi.org/10.53000/rr.v6i2.1538>. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/ruris/article/view/16872>. Acesso em: 10 mar. 2024.

SCOTT, James C. **Los dominados y el arte de la resistência**. México: Era, 1990. p. 23-40.

SHOVE, Elizabeth; PANTZAR, Mika; WATSON, Matt. **The Dynamics of Social Practice: Everyday Life and How it Changes**. [s. l.]: Sage, 2012.

SILVA, Lucas Camargos da. **Sementes crioulas e agrobiodiversidade: estratégias de conservação no Cerrado**. Brasília: UnB, 2015.

SILVA, Maria do Socorro *et al.* Guardiões de sementes crioulas: práticas de resistência e conservação da biodiversidade. **Revista Agriculturas**, Rio de Janeiro, 2017.

TOLEDO, Victor Manuel; BARRERA-BASSOLS, Narciso. Etnoecologia: uma ciência pós-normal que estuda as sabedorias tradicionais. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, Curitiba, n. 20, p. 31-45, jul./dez. 2009.

TOLEDO, Víctor Manuel. **Ecología, espiritualidad y conocimiento: de la sociedad del riesgo a la sociedad sustentable**. México: PNUMA; UNAM, 2003.

TOLEDO, Victor Manuel; BARRERA-BASSOLS, Narciso. **A memória biocultural: a importância ecológica das sabedorias tradicionais**. São Paulo: Expressão Popular; ASPTA, 2015.

WINKIN, Yves. Descer ao campo. In: WINKIN, Yves. **A nova comunicação: da teoria ao trabalho de campo**. Campinas: Papyrus, 1998. p. 129-145.

WOORTMANN, Klaas. **Com parente se negocia: o campesinato como ordem moral**. Brasília: UnB, 1995.

WORCMAN, Karen; PEREIRA, Jesus Vasquez (orgs.). **História falada: memória, rede e mudança social**. São Paulo: SESC SP; Museu da Pessoa; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006. 280 p.